

BB 80/2026

Socorro Acioli. *A cabeça do santo*. São Paulo: Companhia das Letras. 168 p.

A Cabeça do Santo é um daqueles livros de ler num fôlego só. De leitura fácil e trama envolvente, o romance, produzido na tradição literária do realismo mágico, teve como padrinho o próprio Gabriel García Márquez, a quem a autora submeteu o projeto, durante a oficina de *Como contar um conto*, em dezembro de 2006, em Cuba.

Ambientado no sertão cearense, a obra narra a jornada de Samuel, um jovem pobre de 28 anos, filho único, que apesar de não ter fê, recebeu a missão de peregrinar até outra cidade, para cumprir a promessa feita à mãe nos seus últimos dias de vida. Precisava acender 3 velas: uma nos pés da estátua do Padre Cícero, outra nos pés de Santo Antônio, em Candeia, e a última na estátua de São Francisco, mais adiante. A mãe o fez prometer acender a vela nos pés de cada santo e enfatizou que isso era muito importante. O quarto pedido era ir até a casa da avó e encontrar Manoel, seu pai, na cidade de Candeia.

A história da mãe, Mariinha do Horto é a mesma de muitas mulheres – solteira, abandonada pelo pai do filho e pela família. Órfã de mãe, partiu grávida e sozinha em direção a Juazeiro do Norte, por indicação do vigário local, que lhe deu os nomes das pessoas que poderiam lhe fornecer algum amparo. Foi com essa rede de apoio que Mariinha –moça simples, sem maldade e sem recursos – foi tentar uma nova vida. Expulsa de casa pelo pai, por estar de “bucho”, com a justificativa de que estava “velho demais para aguentar filha mal falada”.

Samuel percorreu o sertão por 16 dias. Imundo, exausto, ferido e com fome, chegou na cidade do seu pai. A essa altura, só levava um bilhetinho no bolso, com o nome da avó e o endereço.

A cidade parecia abandonada e a recepção não foi como o esperado. Sem ter onde dormir e sem dinheiro, Samuel acabou por se abrigar na cabeça abandonada da estátua de Santo Antônio, que estava oca e separada do corpo, no pico do morro, havia décadas.

Vivendo dentro da cabeça, a personagem principal começa a ouvir, milagrosamente, as conversas e preces das moças locais, suplicando ao santo que lhes arrume um marido.

É nesse ponto, que a trama ganha contornos de realismo mágico e acaba por transformar Samuel numa espécie de santo, já que ele é o único capaz de ouvir os pedidos, e acaba se unindo a um morador local para juntos criarem um plano para a realização dos desejos.

Os casamentos acontecem, Samuel ganha fama e dinheiro e revoluciona o turismo religioso na região, movimentando a economia local e atraindo novos moradores, fazendo com que a cidade renasça.

A narrativa de Acioli é fluida e divertida, com referências à literatura de cordel e ao mestre Ariano Suassuna, de onde reúne elementos de linguagem coloquial, artimanhas e espertezas das personagens, ao lado de forte crítica social aos governantes e à religiosidade exacerbada dos fiéis.

Assim como no *Auto da Compadecida*, com Chicó e João Grilo, Samuel e o amigo Francisco se unem para tirar vantagem do misticismo do sertão e, a partir do charlatanismo camuflado de religião, explorando a fé e a devoção popular.

O plano de Samuel era simples: receberia as mulheres dentro da cabeça, mandaria que dissessem o nome do pretendente, se fosse o caso, que escrevessem o nome num pedaço de papel e ele esfregaria no lado direito da cabeça do santo. Se não tivesse pretendente, bastaria o nome da moça, mas a esfregada seria no lado esquerdo. Essa escolha dos lados, era para que a prática desnotasse algum tipo de método, mas não passava de enrolação. Depois de esfregar o papel, anunciaria que o resultado poderia demorar até 40 dias para fazer efeito. Em menos de dois minutos estaria encerrada a consulta. Ganhavam de trinta a quarenta reais por hora e isso não era nada, nada mal. Samuel estava animado.

Na segunda parte do livro, o cordel surge como parte da história:

Quando o padre Zacarias recebeu o folheto de cordel com a história de Candeia, era tarde demais para impedir que aquilo se espalhasse. Nem eram nove horas da manhã e todos os habitantes da cidade já andavam com o folheto na mão.

O título era *A Cabeça do Santo* e o folheto contava toda a história do lugar, desde que era vila, depois, quando virou cidade, até o dia em que fora condenada à morte e mais tarde voltara à vida com a chegada de Samuel, o profeta enviado por santo Antônio para morar dentro da sua cabeça. Uma xilogravura na capa mostrava a cabeça do santo no chão, com uma lágrima que virava rio e um homem fugindo com sacos de dinheiro, ao fundo, em perspectiva.

Mais adiante, no capítulo sobre a história da menina Rosário, há referência à cultura popular de Cabo Verde, pela tradição das “mornas – cantos e danças de

expressão poética. Elas aparecem como preces na voz de Rosário, com letras que falam de saudade e amor à terra natal.

Eram quatro músicas diferentes, ela variava. Às vezes cantava a mesma canção de manhã e de tarde. Às vezes mudava. Samuel seria capaz de cantarolar cada uma, mas não entendia direito o que queriam dizer. Ele captava algumas palavras: “saudade”, “coração”, “despedida”, “mar”, “voltar”, “longe”. As outras palavras pareciam pertencer a uma língua estranha.

A autora utiliza ainda intertextos nas aberturas de cada parte, com citações do escritor mexicano Juan Rulfo, dos angolanos José Eduardo Agualusa e Ondjaki e do colombiano García Márquez, utilizando a estética de cada um para moldar as diferentes fases e nuances da jornada de Samuel no sertão cearense.

Com Juan Rulfo, encontra uma conexão direta na obra *Pedro Páramo*. Ambos os protagonistas caminham pelo sertão após a morte da mãe em busca do próprio pai. A cabeça oca da estátua funciona como a cidade de Comala de Rulfo: um espaço confinado e místico habitado por um coro de vozes invisíveis, que correspondem às preces das mulheres.

O diálogo com a obra de Agualusa se dá pela reconstrução do passado colonial e religioso que Samuel encontra em Candeia. De Ondjaki pode-se perceber como se estabelece um equilíbrio entre o peso trágico da fome, do abandono e da seca com o tratamento humorístico e terno das personagens, como a inocência dos desejos amorosos das mulheres, por exemplo.

Já quanto Gabriel García Márquez, o vilarejo fictício de Candeia lembra o isolamento e as excentricidades de Macondo, onde o milagre e a decadência caminham juntos.

Interessante ressaltar que a autora buscou inspiração em fatos reais. A cabeça gigante do santo existe e está localizada no município de Caridade, no sertão central do Ceará, e já serviu de casa a um morador local. O corpo sem cabeça também está lá, aguardando a conclusão da obra desde 1986, e está completando 40 anos em 2026, quando os trabalhos pararam por falta de recursos.

Socorro Acioli, que já recebeu o Prêmio Jabuti de literatura, teve a ideia ao ver a notícia em um recorte de jornal. Foi com essa premissa que ela esboçou a história e foi a única brasileira selecionada para participar da oficina de criação orientada por Gabriel García Márquez. Em entrevista, a autora conta que o escritor chegou a duvidar da

veracidade dos fatos, pelo extraordinário do caso, mas logo ficou convencido do potencial narrativo da história ao explorar o absurdo do cotidiano.

A obra da estátua nunca deu certo, mas a obra literária virou sucesso com repercussão internacional e direitos adquiridos para o cinema.

Cláudia Dorneles

Analista em Assuntos Culturais da SEC/RS